

Discurso de Robin Goodfellow no
Lançamento do livro: “O marxismo
em resumo: da crítica do capitalismo
à sociedade sem classes”, no 11^o
Congresso do Sindicato dos
Metalúrgicos de Campinas e Região
Louveira - SP

Data	24 de Agosto de 2013
Autor	Robin Goodfellow
Versão	V 1.0

Sumário

SUMÁRIO.....	2
1. INTRODUÇÃO.....	3
2. TEXTO DO DISCURSO.....	4

1. Introdução.

Este discurso foi pronunciado diante de 500 delegados representando 200.000 operários (cerca de 70 fábricas), principalmente metalúrgicos de todas as regiões do Brasil, organizado pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região pela construção da Intersindical, por ocasião de seu 11º Congresso realizado em Louveira – SP.

Ao longo do congresso foram distribuídos 2.000 exemplares de nosso livro: “O marxismo em resumo: da crítica do capitalismo à sociedade sem classes”, impresso e difundido gratuitamente pelo sindicato.

O livro estará brevemente disponível em nosso site: <http://www.robingoodfellow.info>.

2. Texto do discurso.

Camaradas,

Hoje vamos nos apresentar de maneira mais completa e apresentar este livro, intitulado “O marxismo em resumo, da crítica do capitalismo à sociedade sem classes”, que está sendo lançado neste congresso.

Robin Goodfellow é o pseudônimo de um pequeno grupo de militantes de vários países (França, Brasil, Espanha...) que se dedicam há quarenta anos à defesa da teoria e dos princípios marxistas. Nós nos situamos na tradição do marxismo revolucionário que se afirma com a publicação do Manifesto do Partido Comunista em 1848. Pensamos que esta teoria é a única que não apenas fornece uma explicação correta do mundo, das tendências da economia capitalista, mas também fornece uma orientação para as lutas práticas para a emancipação do proletariado.

O que nos ensina o marxismo?

Ele demonstra o seguinte:

Qualquer que seja a determinação da classe proletária nas suas lutas quotidianas;

Quaisquer que sejam os resultados conseguidos através do combate quotidiano para reivindicações e direitos;

Qualquer que seja a “boa saúde” da economia capitalista e a possibilidade de se conseguir mais para o trabalhador;

Qualquer que seja o progresso científico e técnico e suas promessas de melhorar as condições de trabalho e de vida em geral;

... o capitalismo NÃO PODE oferecer, em longo prazo, de maneira durável, uma vida segura, um nível de vida suficiente, um futuro sem medo do dia de amanhã, para os trabalhadores e suas famílias.

Ao contrário, os fatores enumerados se voltam contra o proletariado:

A alta dos salários e a luta das classes favorece a automação que provoca o desemprego;

A “boa saúde” da economia capitalista não é mais do que uma maneira de produzir grilhões dourados para o proletariado, ao mesmo tempo em que degrada seu salário relativo;

À prosperidade momentânea sucedem-se necessariamente as crises que colocam em xeque o que pôde ser ganho nas fases de desenvolvimento;

O progresso técnico e científico volta-se diretamente contra o proletariado a fim de aumentar e refinar sua exploração.

E isso por quê?

Porque o capital, como demonstra o marxismo, só tem um único objetivo: fazer produzir um máximo de mais-valia, mais trabalho gratuito, para depois repartir esta mais-valia entre as

diferentes frações das classes exploradoras, o capitalista industrial, o capitalista comercial, o capitalista financeiro, o proprietário fundiário, sem esquecer o Estado.

Nada do que é conseguido é definitivo, nenhum direito e nenhuma “reforma” podem ser considerados como coisa segura. Para atingir de maneira certa essa vida sem “medo do amanhã” o proletariado terá que assumir ele mesmo a direção da sociedade.

Isso significa o fracasso do reformismo. Posições reformistas, comprometimentos com a burguesia ou o seu Estado só têm como resultado a paralisação do proletariado e a derrota nas lutas.

Mas, diante desse objetivo histórico que sempre é necessário lembrar e defender, qual é a situação nestes últimos 40 anos? Em qual período do desenvolvimento econômico do capital nos situamos?

Em 1975 a burguesia ocidental parecia abestalhada. Havia se manifestado uma primeira grande crise no pós guerra, uma crise que não se podia negar.

Os economistas, os jornalistas e os políticos se apressaram em apontar a crise como decorrente de um choque externo, no caso a alta do preço do petróleo, esperando que isto não se produzisse mais. A crise foi denominada de “crise do petróleo” para não falar de crise de superprodução, isto é uma crise específica do Modo de Produção Capitalista.

Por volta de 1975 manifestou-se de modo visível um ciclo de aproximadamente 6 anos. Desse modo esse ciclo iniciou-se ao final da segunda guerra mundial, mas com manifestações menos potentes.

Essa crise provocou uma série de reestruturações e uma nova divisão do trabalho a escala internacional que afetaram o aparelho produtivo. Ao final desse movimento, a burguesia ocidental sentiu um enorme alívio, pois uma surpresa divina a aguardava: os números mostravam que diminuía o número de indivíduos que a estatística burguesa considera como operários. Com grande satisfação, ela tirou imediatamente daí a conclusão de que o marxismo tinha sido definitivamente refutado. Ela se pôs a sonhar com empresas sem proletários, com mais-valia sem trabalho assalariado e sem lutas de classes.

Quando mais tarde, sob a necessidade de se integrar no mercado mundial e a pressão do imperialismo americano, os falsos socialismos do Leste da Europa reconheceram sua verdadeira natureza capitalista, um novo desvario se apossou da burguesia. Ela se lançou de corpo e alma na reorganização do mercado mundial, no desenvolvimento acelerado de zonas onde as forças produtivas tinham um futuro grandioso. Foi um busca de novos mercados, de novos lucros, da produção de mercadorias a preços mais baixos que não tinha outro objetivo senão produzir mais mais-valia. Mas tudo isso devia provocar efeitos colaterais. De um lado, uma parte da burguesia torna-se cosmopolita, tem relações internacionais. De outro lado as velhas burguesias nacionais se encontram ameaçadas enquanto desenvolvem-se novas burguesias nacionais nos Estados mais jovens.

Mas, todas elas entendem-se entre si quando se trata de subjugar o proletariado.

Diante dessa nova concorrência, os velhos Estados capitalistas só puderam manter a paz social pelo endividamento. O endividamento foi a solução que esses Estados encontraram para sustentar a produção de mais-valia frente às crises que, a partir de então se repetiam

E tudo isso é possível porque a classe capitalista está liderando o combate e o proletariado europeu deixa a sua sorte nas mãos de sindicatos pelegos e de partidos reformistas. Não se faz a vinculação entre a luta de defesa imediata da sobrevivência diária, dos salários, das condições de trabalho, da saúde, da educação e o combate necessário para derrotar definitivamente o capital.

Além disso, comete-se um erro fundamental quando se acusa os banqueiros, a finança internacional, os « ricos ». O que nos ensina o marxismo – e que é necessário repetir sempre – é que o sistema, o modo de produção capitalista está baseado na exploração do proletariado no seu conjunto pelo capital industrial. Depois, as diferentes frações da classe capitalista racham a mais-valia assim produzida entre diferentes formas: lucro, renda fundiária, juro financeiro, impostos, ...

Essa ausência de consciência da origem da exploração, essa crítica superficial somente do capital financeiro, do banqueiro, fez com que todos os movimentos que sacudiram a Europa em 2011 (em seguida às revoluções do mundo árabe), como os “indignados” espanhóis ou gregos, ou os movimentos de protesto na Itália e em Portugal, ficassem sob o controle das classes médias modernas assalariadas, com a recusa de se organizarem sindical e politicamente.

No entanto, os capitalistas estão, entre eles, em concorrência no nível nacional e internacional, mas eles manejam esta concorrência colocando os próprios operários em concorrência entre eles. Isso deve invocar como resposta uma unificação e uma mobilização da própria classe explorada, do proletariado.

Mas todos esses acontecimentos e todos esses ataques terão também outra consequência: o renascimento do socialismo na Europa.

Mal se havia enterrado o proletariado e o marxismo, mal se havia decretado o fim do trabalho produtivo quando a burguesia se deu conta de que seu Estado não vive senão da mais-valia extorquida dos proletários. Mal se contavam alguns milhões de empregos industriais a menos na Europa quando, ao mesmo tempo, se enumeravam várias centenas de milhões a mais na China, na Índia, no Brasil, etc., e se anuncia uma nova vaga em outros países na Ásia, na África negra.

Portanto, eis aí que, ao mesmo tempo em que se desenvolve o capital, desenvolve-se um proletariado jovem, moderno, que ainda não sofreu as derrotas dos velhos, não está anestesiado pelos milagres do crescimento, não está hipnotizado pela rotina democrática, e se encontra na vanguarda do proletariado mundial.

O internacionalismo é para o proletariado não somente um dever, mas uma necessidade. No ano de 1864 houve em Londres um congresso convocado por sindicatos, associações e organizações operárias; lá se fundou a Primeira Internacional. Mas nessa época o terreno da luta estava principalmente na Europa (Inglaterra, França e Alemanha), quando hoje ele está no mundo inteiro, com um enorme potencial da classe proletária que representa uma imensa força no nível internacional.

Por isso é muito importante que esse proletariado mundial encontre um caminho autônomo, se libere da influência dos sindicatos pelegos e partidos reformistas, para afirmar os seus objetivos e assumir o objetivo de conquistar o poder político e destruir o estado burguês.



Qual é a situação no mundo de hoje no que diz respeito a esse objetivo?

Incontestavelmente, a última crise cíclica, a de 2007-2008, a mais grave desde 1929, produziu uma vaga de agitação em escala internacional de alcance desigual, mas que anuncia combates futuros.

Nos países árabes, a luta foi principalmente política, com o objetivo de conseguir regimes democráticos que, até certo ponto, favorecem a livre organização do proletariado (liberdade de imprensa, de organização, de reunião, etc.). Depois de mais de dois anos, a dinâmica dessas lutas não está esgotada e muitos acontecimentos estão por vir, o maior deles sendo a mobilização necessária das massas operárias das grandes cidades proletárias do Egito, da Tunísia, e outros países árabes.

A influência dessa chamada “primavera árabe” foi importante em todo o mundo, no sentido de mostrar que as ocupações de praças e ruas, a mobilização permanente, a organização nos bairros, eram formas importantes de luta, mas sem que emergisse um movimento operário autônomo capaz de liderar a luta. Os operários estavam nas praças e nas lutas, mas eram liderados pelas classes médias modernas, inclusive por jovens da classe média recentemente saídos da condição proletária, com estudos, etc., mas que não enxergam seu futuro no sistema capitalista que os deixa de lado.

Vimos esse tipo de movimento na Espanha, em Portugal, na Grécia, na Itália, igualmente nos Estados Unidos e, mais recentemente, na Turquia e no Brasil.

O problema é que tampouco esses movimentos não veem que o único futuro da humanidade reside na abolição das classes sociais para desenvolver uma sociedade onde ninguém pode se apoderar do trabalho dos outros. De outro lado, os partidos e sindicatos chamados de « esquerda » desde há muito tempo não mais defendem essa posição, que foi defendida pelo marxismo e que ensina o único caminho de luta.

Na França, o nível da luta das classes hoje está particularmente baixo. O proletariado está apático e reina um tipo de fatalismo quanto aos efeitos da última crise. No momento, a França ainda não conheceu medidas tão drásticas quanto as que são aplicadas na Espanha ou na Itália e, por conseguinte, houve poucas mobilizações. Quando há lutas, por exemplo, contra os fechamentos de fábricas, elas são prontamente enquadradas por forças reformistas que impedem tanto a ampliação destas lutas, como a junção entre diferentes setores do proletariado para chegar a uma crítica mais global do capital.

Mesmo se isso aconteceu sem ilusões, as últimas eleições conduziram ao poder uma coalização de esquerda (socialistas, ecologistas), cujo papel é o de acobertar sob uma capa “social” medidas que devem ser tomadas contra o proletariado. Por exemplo, prepara-se para setembro a retomada de uma ofensiva contra as aposentadorias que segue uma política idêntica à que foi conduzida pela direita há três anos. Do seu lado, os proletários estão prestes a abrir os olhos para enxergar a verdadeira natureza desse poder, mas sem ainda tirar conclusões sobre a necessidade de se organizar por si mesmos e retomar o caminho da luta das classes.

Assim, por toda parte estamos num momento de vazio: o potencial de luta e de revolta é enorme, pois a cada dia o modo de produção capitalista demonstra a sua inutilidade, o caráter imbecil da sua organização, o curso catastrófico do modelo de desenvolvimento que propõe.

A concorrência entre os estados imperialistas só pode conduzir, no final, a uma guerra mundial com consequências terríveis.

Mas, para que esse potencial seja ativado será necessário reencontrar o caminho da luta das classes, sem concessões, com um objetivo claro e radical; só o proletariado pode liderar uma tal luta. Nessa luta os países fortemente e mais recentemente industrializados como Brasil, China, Índia, dispõem de uma enorme energia para lançar movimentos importantes. Na China, a questão democrática dará um forte impulso à luta das classes. Esperamos bastante da revolução democrática que não deixará de sacudir a China nos próximos anos e estamos convencidos de que o proletariado terá um grande papel a desempenhar para lá abater a classe dirigente.

Temos, coletivamente, com a teoria de Marx e Engels, uma arma potente que não foi superada neste século e meio passados desde a publicação do Manifesto do Partido Comunista. Ao contrário, todo o curso catastrófico do capital, todo o desenvolvimento contraditório ao mesmo tempo de uma imensa riqueza e de uma miséria infame, tudo isso confirma a validade destas análises. Mas, deve-se aplicar essa teoria às realidades do momento, à situação econômica e política internacional, à relação atual de forças entre as classes e particularmente entre a classe proletária e a burguesia internacional.

Pelo mundo inteiro, a crise de 2007-2008 renovou um interesse por Marx, que foi apresentado como um economista genial que teria previsto as crises. Mas, para Marx, a crise é a expressão do fato de o capitalismo ser transpassado por contradições insolúveis, que ele é um modo de produção ineficaz para levar a sociedade a um estado de bem-estar e que sua existência ameaça doravante a própria sobrevivência da humanidade. Não se podem dissociar as análises econômicas, que decodificam o funcionamento da exploração, das conclusões revolucionárias que mostram que o próprio capitalismo coloca as condições para o desenvolvimento, amanhã, de uma sociedade sem classes na qual a exploração terá desaparecido. Assim, o socialismo não se “constrói”, mas se libera das entranhas da sociedade burguesa.

É necessário, companheiros e companheiras ter uma teoria para guiar a ação. É necessário ter uma teoria justa. É necessário manter a coerência e a força revolucionária da teoria que já guiou o proletariado nas suas lutas através da história.

Todo proletário consciente deve também estudar, ler, formar-se na teoria revolucionária. Assim, companheiros e companheiras esse livro é uma arma! Uma arma para reforçar a nossa capacidade coletiva de lutar contra o capital.

A luta do dia-a-dia deve forçosamente desembocar em lutas mais vastas, mais profundas, nas quais se engajam a relação de forças sobre a própria definição da sociedade, do trabalho, das relações de produção. Ao longo dessas lutas é que se desenha a sorte final da sociedade: ou o avanço para a liberação das forças produtivas e o fim da exploração, ou a destruição da sociedade.

Companheiros e Companheiras. Sabemos que lá fora, a França, devido à sua história, a seu passado revolucionário tem a reputação de ser um país de luta onde os combates de classe são importantes. Mas no momento isso não se verifica. O mal-estar social se exprime através de um aumento das tensões religiosas e de um interesse crescente pelos partidos da extrema direita, por rejeição à política tradicional. Por isso, temos muito que aprender com a situação daqui, sobre sua estratégia e sobre sua mobilização. No nosso retorno, faremos a maior

divulgação possível para mostrar aos trabalhadores franceses quem são os seus aliados, os verdadeiros irmãos de classe, contra todo tipo de reformismo e colaboração de classe.

Pode ser que estejamos a ponto de viver um acontecimento histórico da maior envergadura, o retorno decidido do proletariado à cena histórica, os primeiros passos de seu renascimento, os primeiros passos para sua reconstituição em partido político distinto, e oposto aos demais partidos existentes, os primeiros passos para a reapropriação de sua teoria e de seu programa histórico. Nesse caso, o proletariado do Brasil seria o primeiro a abrir a via do renascimento. Este livro, em que será preciso corrigir os defeitos, quer ser, portanto, o primeiro testemunho da vontade do proletariado existir como classe revolucionária, de retomar o caminho da conquista do poder político na escala internacional, de retomar a herança gloriosa do proletariado internacional e de lapidá-la.

Viva a luta e a unidade internacional da classe proletária!

No rumo de uma sociedade sem fronteiras nem classes!

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!